

**ERRÂNCIAS E MIGRAÇÕES COMO TRAÇOS AUTOBIOGRÁFICOS NA  
OBRA DE PALOMA VIDAL**

Helena Maria de Souza Costa Arruda (UFRJ)

Godofredo de Oliveira Neto (UFRJ)

**RESUMO**

Este artigo tem como ponto de partida a análise de traços autobiográficos presentes na obra da romancista Paloma Vidal. Por entendermos que tais características se evidenciam no romance *Algum lugar* (2009), decidimos enfatizar o estudo desta obra, tendo em vista o relevo dado à categoria espaço e às relações migratórias da personagem central inominada, que se desloca entre as cidades do Rio de Janeiro, Los Angeles e Buenos Aires, em busca de um lugar com o qual se identifique. Com uma identidade sempre em trânsito, e vivendo nos entrelugares, ela parte em busca de um doutorado, em Los Angeles, no qual pesquisará sobre “O sujeito fragmentado pós-moderno e os espaços confinados da pós-modernidade”, tema que vem ao encontro do que ela própria traz consigo – a fragmentação. Não conseguindo se adequar a lugar algum e sobrepondo afetivamente paisagens e lugares, ela não dá cabo aos seus estudos, abandonando tudo e retornando ao Rio. Dessa forma, e ancorado em teorias de Resende (2014), sobre biografismos; de Borges Filho (2007), sobre as relações topoanalíticas da personagem com o espaço ficcional; de Kristeva (1994), acerca do estrangeiro que habita em nós; de Candido (2005), no que respeita à personagem, entre outros, este estudo pretende trazer à lume a relação imbricada que existe entre a personagem central e a própria autora, uma vez que ambas sendo argentinas e tendo vindo para o Brasil, na infância, parecem dividir problemas semelhantes. O romance traz à tona problemas identitários, geográficos, linguísticos e culturais daquele que, sendo um ser errante, sente-se inadaptado em qualquer lugar.

Palavras-chave: Errância. Migração. Autobiografia. Identidade. Trânsito. Espaço.

Desde a publicação dos volumes de contos *A duas mãos* (2003), e *Mais ao sul*, (2008), alguns temas têm sido recorrentes nas obras de Paloma Vidal: pequenos ou grandes deslocamentos, confinamentos impostos pelos grandes centros, diferenças linguístico-culturais, solidão, exílio, quebra de fronteiras geográficas ou anímicas, fragmentação do indivíduo, subjetivação, formação de identidade, entre outros. Todavia, é no romance *Algum lugar* que fica mais evidente a estratégia da autora de utilizar o espaço literário como forma de colocar em primeiro plano o sujeito fragmentado da contemporaneidade. Aquele sujeito que sai em busca de si, do seu centro, da sua completude, deslocando-se sempre entre as cidades e a insegurança de viver nelas. Logo, o espaço em *Algum lugar* torna-se o cerne para estruturar o indivíduo: “Enquanto passa pela janela a paisagem urbana que vou aprendendo a reconhecer, faço parte desse microcosmo provisório como uma estátua viva.” (VIDAL, 2009, p. 29).

*Algum lugar*, primeiro romance de Paloma Vidal, publicado em 2009, coroa a autora por meio de um enredo, que embora seja simples, é muito bem delineado. Trata-se da história de um jovem casal que se desloca do Rio de Janeiro para Los Angeles, onde ela, a personagem central inominada, cursará um doutorado em literatura, enquanto ele, um tradutor sem muitas funções, designado apenas pela inicial M., ficará à mercê da vida dela. Sem conseguir adaptar-se à cidade e ao tipo de rotina que se vê obrigado a levar, M. opta – depois de vários meses sentindo-se solitário e depressivo – por regressar ao Rio, deixando em Los Angeles a namorada.

Sobre Paloma Vidal, a professora e pesquisadora Beatriz Resende nos diz que o fato de a autora ter nascido na Argentina é “pista para uma certa desterritorialização das narrativas [...] O Rio de Janeiro estica a mão até Buenos Aires ou, simplesmente, surgem cidades que podem ser qualquer grande cidade, latino-americana ou não” (RESENDE, 2008, p. 107), já prenunciando certos arroubos autobiográficos que viriam se concretizar no primeiro romance de Vidal.

Sempre esbarrando na autobiografia, Vidal recorre à memória e ao imaginário para dar corpo à sua narrativa, dando ideia de algo já visto, numa sensação de “*déjà vu*”:

Em breve, estaremos atravessando a cidade. O que veremos será bastante próximo de um cenário onde os contornos entre realidade e ficção se desmancham. A imaginação nesse caso não terá trabalhado sozinha, daí a sensação de que tudo já foi visto em algum outro lugar fora daqui. (VIDAL, 2009, p. 17)

E ainda: “*Mr. Vidal*, diz o homem sem disfarçar o sotaque castelhano.” (VIDAL, p. 45; grifo meu) Palavras do médico argentino que é chamado ao apartamento de Los Angeles para cuidar de M., que está enfermo. A autora usa seu próprio sobrenome na personagem masculina, confundindo o leitor, ainda que este seja um “leitor implícito”, conforme denomina Compagnon (2014) em seus estudos teóricos sobre a recepção da obra de arte, ou seja, aquele leitor que lê as entrelinhas, sem ingenuidade.

De acordo com resenha da professora e pesquisadora Beatriz Resende, citada no ensaio *Paloma Vidal e o trânsito de culturas*, Resende enfatiza que:

Na escolha pela simplicidade contundente está o resultado de difícil trabalho de rejeição dos efeitos espetaculares, de desrealização do cotidiano quase óbvio, construindo o ficcional com os recursos não dramáticos possíveis no biografismo e aliando tais recursos à reflexão permanente sobre a condição da existência trazidas ao texto sem qualquer exibição dos conhecimentos teóricos que a autora detém. (RESENDE e AGRÓ, 2014, p. 125)

Ainda em relação aos traços autobiográficos vistos no romance, o estudioso Sérgio de Sá em seu ensaio publicado no livro *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil* (2014) nos adverte que:

Nascida em Buenos Aires em 1975 e tendo ido para o Rio de Janeiro aos 2 anos de idade, a jovem autora refaz na ficção uma identidade em trânsito. Não abandona a origem portenha, não incorpora as cores brasileiras por completo. E isso torna sua literatura objeto de interesse natural em tempos transnacionais, quando a alegoria do nacional já não nos diz tanto respeito. Paloma parte de um entrelugar habitado por duas gramáticas e duas línguas que desejam pertencer ao mundo todo. (RESENDE e AGRÓ, 2014, p. 123)

Essa relação de (des) pertencimento a lugares e a culturas, faz-se visível na obra de Vidal, que vem carregada de características que fazem do espaço ficcional a categoria, juntamente com a personagem, mais evidente. Esse deslocamento contínuo pelo espaço faz da personagem um ser errante, insatisfeito, desenraizado, desterritorializado. Será, portanto, o topos e suas relações de alegria – topofilia –, ou de dor – topopatia – que darão à personagem central de *Algum lugar* o mote para seu constante trânsito. De acordo com estudos teóricos do professor Ozires Borges Filho (UFTM) concernentes à toponálise na literatura, ele nos aponta que:

Por topoanálise, entendemos mais do que o “estudo psicológico”, pois a topoanálise abarca também todas as outras abordagens sobre o espaço. Assim, inferências sociológicas, filosóficas, estruturais, etc. , fazem parte de uma interpretação do espaço na obra literária. Ela também não se restringe à análise da vida íntima, mas abrange a vida social e todas as relações do espaço com a personagem seja no âmbito cultural ou natural. Portanto, a topoanálise, tal qual a entendemos aqui, é a investigação do espaço em toda a sua riqueza, em toda a sua dinamicidade na obra literária. (BORGES FILHO, 2007, p. 33)

Dessa forma, podemos perceber com clareza que o espaço, no sentido que nos coloca Borges Filho, não está relacionado à estagnação ou à fixidez, mas a tudo que é passível de transformação, num movimento de ir e vir, de acordo também com o tempo da narrativa ou com os sentimentos das personagens, estas construídas conforme os espaços em que transitam. A esse respeito o antropólogo Roberto DaMatta, nos adverte que “[...] o espaço é o ar que se respira” (1985: 27) , portanto provido de grande inconstância. Ainda em relação à volubilidade espacial, a estudiosa Vanessa Kukul nos adverte que “[...] existir significa habitar. Habitamos espaços reais e espaços imaginários. Estes, não raramente designam nossa psique e aqueles nos situam espacialmente no universo e nos revelam.” (2005, p. 19). Dessa forma, vale ressaltar que este artigo diz respeito ao espaço relacionado à personagem, isto significa enfatizar que o problema central está relacionado ao ser e ao espaço, de onde se pode concluir que a personagem é parte integrante do espaço que a circunda, podendo transgredi-lo: rompendo-o, ou confinando-se, conforme nos ratifica o professor Antonio Candido:

[...] quando pensamos no enredo, pensamos simultaneamente nas personagens; [...] pensamos simultaneamente na vida que vivemos, nos problemas em que se enredam, na linha do seu destino – traçada conforme uma duração temporal, referida a determinadas condições do ambiente. O enredo existe através das personagens; as personagens vivem do enredo. Enredo e personagem exprimem, ligados, os intuítos do romance, a visão da vida que decorre dele, os significados e valores que o animam. (2005, p. 53-54)

Logo, podemos concluir que é a personagem o elemento que mais chama a atenção do leitor: “[...] a personagem é, basicamente, uma composição verbal, uma síntese de palavras, sugerindo certo tipo de realidade” (CANDIDO, 2005, p. 78). Notadamente, ao longo dos tempos, deu-se mais atenção à personagem e ao tempo da narrativa do que a categoria “espaço”, que ainda apresenta lacunas a serem preenchidas.

Entretanto, pudemos perceber que é na pós-modernidade que a categoria “espaço” vem ganhando notoriedade:

No cronotopo emergente a partir do pós-guerra, e mais acentuadamente, a partir dos anos 70, é o espaço que se evidencia como elemento articulador de nossas ansiedades. O que não implica um esquecimento da categoria tempo no cenário pós-moderno, mas uma redefinição cronotópica. (LOPES, 2002, p. 166).

A narradora também lança mão de digressões e de cenas do cotidiano, uma vez que necessita encontrar o seu próprio lugar na trama, indo do macro ao microcosmos em que tenta se situar: cidades, universidades, bibliotecas, praças, ruas, restaurantes, apartamentos, quartos, camas... “Percebo que estou querendo criar para mim um circuito doméstico da cidade [...] o que importa é a descoberta, como se a promessa de isolamento pudesse me resgatar provisoriamente do meu estado” (VIDAL, 2009, p. 32)

A personagem inominada transita para todos os lugares em busca de seu “eu totalizante”. Talvez por achar-se uma estranha, uma estrangeira, ela percorre vários (des)caminhos, distanciando-se cada vez mais de si. O próprio título da obra remete o leitor para qualquer lugar. Tanto faz que seja o Brasil ou o exterior, para ela não há fronteiras. A personagem vai para Los Angeles tendo como única finalidade suas pesquisas acadêmicas, mas o doutorado é apenas uma rota de fuga, pois ela trava uma batalha interna para permanecer numa cidade agônica, onde tudo é distante e frio, inclusive as relações humanas. Paradoxalmente, ela e o namorado vivem num apartamento claustrofóbico, o qual procuram encarar como um lar, dividindo-se ambos entre pilhas de livros e de insatisfações. Tendo como objetivo dar prosseguimento à pesquisa sobre “*O sujeito fragmentado pós-moderno e os espaços confinados da pós-modernidade*” (VIDAL, 2009, p. 34) –, evidenciando sua preocupação flagrante com questões relativas à condição humana contemporânea em um mundo capitalista e globalizado – a narradora tem, ironicamente, como ponto de partida a obra de Walter Benjamin: *Rua de mão única* (VIDAL, 2009, p. 20). Por fim, sentindo-se ela própria só e excluída, sem ânimo para continuar sua pesquisa, decide também pelo retorno à Cidade Maravilhosa, abandonando de vez seu propósito.

Interessante é que a narradora-personagem mescla línguas e culturas, parecendo não se importar com o idioma. Ao contrário, o que se vê é que o estranhamento dela para com cidade de Los Angeles torna-se latente por meio de seu relacionamento com Luci, a amiga coreana que pesquisa o mesmo tema que ela e que fala um espanhol

perfeito, porém sem emoção, como uma máquina, fazendo-a repensar suas origens e sua língua materna, o que antes não dava importância. Outro ponto a ser observado são as digressões que a narradora faz por meio dos sonhos, especialmente os que tem com um irmão mais novo, que sofre de alguma enfermidade grave. Nada está claro. É como se os sonhos a tornassem refém de uma tênue teia que separa imaginação e realidade, impedindo-a de deslocar-se para o único lugar em que se sente segura: os braços de M., seu ex-namorado.

Ao voltar para o Rio, o sentimento de deslocamento permanece, pois sente certo saudosismo de Los Angeles. Já em Buenos Aires, para onde se desloca em companhia da mãe, também sente saudades do Rio. Parece não haver lugar algum para a protagonista da trama de Vidal. Sua vida gira em círculos e sem saber para que lado ir, torna-se refém não só da urbe, mas de si mesma. Seja Los Angeles, Rio ou Buenos Aires, sente-se estrangeira e expatriada em qualquer das cidades. Dá-se, então, o que a própria narradora denomina de “inadequação do retorno” (VIDAL, 2009, p. 127).

Em estudos de Julia Kristeva sobre os estrangeiros que habitam em nós, fazendo-nos deslocar em busca de algo que não nos é possível uma compreensão plausível, ela nos aponta que

[...] o estrangeiro que habita em nós é a face oculta da nossa identidade, o espaço que arruína a nossa moradia [...]. Por reconhecê-lo em nós, poupamo-nos de ter que detestá-lo em si mesmo. Sintoma que torna o “nós” precisamente problemático, talvez impossível, o estrangeiro começa quando surge a consciência da minha diferença e termina quando nos reconhecemos todos diferentes, rebeldes aos vínculos e às comunidades. (1994, p. 9)

O romance, estruturado em três partes – *Los Angeles*, *Rio de Janeiro* e *Los Angeles* – tenta seguir uma ordem cronológica, porém, a última parte, apesar do título, leva a protagonista, sua mãe e seu filho C. direto às origens da família: Buenos Aires. Assim como Vidal, a protagonista nasceu na Argentina e veio para o Brasil aos dois anos de idade, daí o cunho memorialístico e autobiográfico a que nos referimos anteriormente. “Agora, andando por lugares aos quais tantas vezes fazia referência, é como se visse tudo espelhado: de um lado, Buenos Aires, do outro, o Rio, complementares, uma inexistente sem a outra.” (VIDAL, 2009, p. 168)

A primeira parte da obra, a mais longa, é a parte embrionária. Uma gestação das outras duas. A narradora parte em busca do sonho, enfrentando os obstáculos e os

estranhamentos de uma cidade grande, que parece não ter nada a lhe oferecer: “Los Angeles não é assim [...] perto, longe, o que isso significa quando as distâncias já não se medem em quadras, mas em milhas?” (VIDAL, 2009, p. 36) Ou ainda, “ Vamos de casa para a biblioteca, da biblioteca para casa. A cidade se tornou, rapidamente, um pano de fundo. É quase como se não existisse [...]” (VIDAL, 2009, p. 37)

A segunda parte é uma metáfora para o (re)nascimento, e a terceira representa a (re)adaptação do corpo a um novo estado, uma vez que há o filho C.. A criança parece ser o símbolo da junção para o que antes era apenas desenraizamento. No entanto, ainda assim, o sujeito continua fragmentado, porque ela não se sente completa em nenhum lugar, ocorrendo a sensação de expatriação, estranhamento e/ou de inadequação.

Não tenho planos. A manhã está livre. Vou andando em direção à Glória [...] Há muito que não ando pela cidade. Quando voltei de Los Angeles, experimentei alguns passeios, como se fosse preciso reconhecê-la. [...] Andava pelas ruas como se nelas fosse recuperar algo que se perdeu. Só que elas se mostravam indiferentes à minha busca. [...] O silêncio não era um vazio, mas a prova da naturalidade desse encontro sem nenhum outro sentido além de si próprio. O mesmo acontecia com a cidade: ela não exigia nada de mim. Não queria nada novo. Eu que buscava nela uma justificativa para a inadequação do retorno.” (VIDAL, 2009, p. 126)

Cada parte do romance corresponde a uma cidade, que funciona como projeção da outra, ou seja, há uma sobreposição geográfica sentida por meio da memória e da imaginação da personagem, como no trecho a seguir, em que a narradora projeta o Rio na cidade de Los Angeles, comparando-as:

O Rio é uma sombra que vejo passar continuamente sobrevoando a cidade Os pontos de comparação são poucos, só a praia na verdade, que ainda assim, é diferente demais, mas me sinto tentada a sobrepor uma geografia sobre a outra como para medir o grau do meu deslocamento ou forçar uma adaptação necessária. (VIDAL, 2009, p. 29)

Buenos Aires, na terceira parte, parece existir apenas para que se distinga do Rio de Janeiro, numa geografia afetiva em que uma cidade parece não ter sentido sem a outra: “Esta aqui é como se fosse a Visconde de Pirajá, diz, referindo-se a uma avenida comercial de Palermo; aqui é o nosso Aterro; esta é a nossa Confeitaria Colombo e esta é como se fosse a Rio Branco.” (VIDAL, 2009, p. 168).

No final do romance, ainda em Buenos Aires, a narradora elege como símbolo máximo da busca para a construção da sua identidade, um passeio que, segundo ela, fosse “normal”, ou seja, próprio para pessoas argentinas, e não para turistas, dando a entender que está prestes a assimilar sua cultura de origem. Escolhe, então, ir a um cinema com o filho para assistirem a uma versão diferente de *El patito feo*. O cinema cujo nome é *Los Angeles* é o único cinema da avenida Corrientes, onde eles se encontram naquele momento. É assim que a narradora decide que é hora de apresentar suas raízes argentinas ao filho, que desde pequeno, diferentemente dela, é capaz de entender o idioma da avó, sem renegá-lo. O menino também mostra-se com grande aptidão aos deslocamentos: quando está no Rio quer ir para outro lugar diferente, como se desde pequeno já pudesse compreender a necessidade de estar do “lado de fora” para entender “o lado de dentro”.

Dessa forma, nada mais simbólico que assistir a um filme argentino num cinema de nome *Los Angeles*, homônimo da cidade onde se inicia sua busca identitária, com o filho brasileiro cuja origem é argentina. “O Los Angeles. Perfeito. Penso.” (VIDAL, 2009, p. 169) E, num movimento circular, ela consegue compreender suas raízes e o motivo de seus constantes deslocamentos, entendendo que uma vez em trânsito, para sempre se (des) construirá.



## Referências

BORGES FILHO, Ozires. *Espaço e Literatura – introdução à topoanálise*. Franca, São Paulo: Ribeirão Gráfica e Editora, 2007.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria. Literatura e senso comum*. Tradução: Cleonice Paes Barreto Mourão, Consuelo Fortes Santiago. Belo Horizonte: FMG, 2014.

CANDIDO, A; GOMES, P.E.S.; PRADO, D. de A; ROSENFELD, A. *A personagem de ficção*. 11ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

DaMATTA, Roberto. *A Casa & a Rua. Espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

KRISTEVA, Julia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Tradução: Maria Carlota Carvalho Gomes. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

KUKUL, Vanessa M. *O quarto fechado de Lya Luft: uma ilha que emerge na noite*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Assis, 2005.

LOPES, Denilson. *O homem que amava rapazes e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2002.

RESENDE, Beatriz. *Contemporâneos: expressões da literatura brasileira no século XXI*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra: Biblioteca Nacional, 2008.

\_\_\_\_\_ e AGRÓ, Ettore Finazzi (Orgs). *Possibilidades da nova escrita literária no Brasil*. Rio de Janeiro: Revan, 2014.

VIDAL, Paloma. *Algum lugar*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.